

DA EDUCAÇÃO PELA FAMÍLIA

Três são os factores poderosos que superintendem na educação da infância: o lar, a escola e a sociedade.

Quanto mais elevados forem estes meios tanto mais perfeito resultará, conseqüentemente, a formação da juventude.

No lar cabem especialmente aos pais, como dirigentes directos da família, as graves responsabilidades dos seus exemplos. A criança copia por tendência inata os actos dos adultos, na crença ingénua e sincera de bem-fazer. Do que resulta para os cônjuges a necessidade duma auto-crítica permanente aos seus actos, com mira a evitar a reprodução parcial ou total pelos filhos de factos pouco ou

nada educativos. A criança tem já uma noção de justiça relativamente apurada. Confirmam-no as suas frequentes objecções ao ser censurada por alguém:—*o pai já fez assim também, a mãe fez isso, etc., etc.*

Razão porque a união dum casal deve basear-se num mútuo altruísmo, orientado no sentido da sua possível pro génie.

Deve ter-se principalmente em consideração o indispensável entendimento, de homem e mulher, sobre os seus princípios a respeitar e acatar no desenvolvimento dos indivíduos que venham a gerar. Esse altruísmo abrangente, evidentemente, o dever de repressão voluntária a todas

as causas provocadoras de degenerescência fisiológica. Há, portanto, que conservar a saúde, mantendo ao mesmo tempo um comportamento moral e social digno. Só tem autoridade para reprovar o procedimento de outrem quem sabe conduzir-se melhor.

Os gestos impulsivos, quasi sempre de carácter repressivo, são maus processos de educação, visto que humilham e deprimem em vez de estimular, provocam o espirito de rebeldia instintiva e, sobretudo, levam à mentira como meio de defesa própria. Não é preciso violentar uma criança para se lhe fazer reconhecer as consequências do erro cometido e as vantagens duma conduta melhor. Na sua maioria, os delitos das crianças não têm na realidade tanta gravidade como geralmente se lhes atribui. Basta aceitar a sua inexperiência para as desculpar.

Há uma necessidade constante de desenvolver actividade, de gastar energias profundamente acentuadas nos primeiros anos da vida humana. É um fenómeno absolutamente natural. Não há que estranhar, portanto, os saltos, os gritos, a irrequietude infantil. É a própria vida em função. Resta proporcionar à criança meios de expansão, de livre exercício dessa sede de acção.

Os adultos tomados já pelo pessimismo duma vida diferente, não podem interpretar sem esforço essa despreocupada alegria. Só espíritos cheios de dedicação e abnegação intensa reconhecerão sinceramente estas verdades apregoadas durante tantos anos já por eminentes psicólogos e pedagogistas.

Estas concepções não se

generalizaram como deveriam, pelo que poucos lares se encontram ainda onde os filhos se criem dentro dum ambiente de justiça. Regra geral combate-se a personalidade, quando era propício estimulá-la, apresentam-se embaraços sem fim à espontaneidade e aos actos volitivos dos jovens. E, o que é bem pior, canaliza-se prematuramente a alma deles, terreno fácil a sugestões tendenciosas, para finalidades nem sempre lógicas e morais. Assim é que chegam à adolescência, idade própria para a aquisição das noções mais complexas, visto ser maior o seu poder de reflexão, com a memória e o entendimento eivados de concepções, ideias e princípios nem sempre bem formados.

Forma-se o político antes do homem, o místico antes do estudioso, o fanático em vez do tolerante, etc. As paixões mesquinhas não devem aparecer na ambiência infantil se se pretende poupar as novas gerações a uma vida de ódios e rancores. Eleve-se-lhes a todo o momento e pelos mais subtis processos familiares o conceito moral das relações sociais, pondo à sua observação a realidade dos bons exemplos e o desempenho natural das diversas funções humanas.

MÁRIO FRAZÃO

LEITOR:

Comprando os teus livros por nosso intermédio—auxílias “Sol Nascente,” na edificação da sua vida administrativa.

A Crise Europeia

(Continuação da página seis)

Tal crise é o prelúdio do período europeístico, isto é, do período final da civilização europeia.

Figuramos este facto no Gráfico V:



Pôsto isto, o caminho está indicado: comparar a Crise Europeia com as outras crises de civilização, isto é, a decadência dos complexos históricos. Dada a posição da Europa nas linhas do fluxo histórico, as comparações que mais nos interessam são as que se referem à decadência da Grécia e de Roma, isto é, aos períodos helenístico e romanístico das civilizações grêga e romana. Como contraprova devemos também estabelecer uma comparação com as mais notáveis Crises de crescimento conhecidas da história, em particular o Osirismo, que fornece notáveis pontos de contróle.

Antes, porém, de o fazermos, convém tratar aqui, embora de uma forma sumária, de certas dificuldades e objecções que podem surgir no espirito do leitor a propósito das conclusões acima formuladas.

Temos para isso de chamar a atenção para um facto importante que vem a ser a **Estrutura da Europa**, e as consequências que daí resultam.

O primeiro facto a pôr em relêvo é que a Europa não é um todo homogêneo, sendo como é um complexo composto de nações e que estas nações, não apresentam todas a mesma **idade histórica**. Surge assim uma dificuldade que convém analisar porque ella embaraça seriamente o problema da Idade da Europa. Somos desta forma conduzidos a examinar esta questão, estreitamente relacionada com o problema da Idade da Europa:—qual é a **Estrutura da Europa**?